

DO ENGAJAMENTO CÍVICO AO MASSACRE DA PONTE: a fotografia e a sua contribuição à análise das relações sociais no garimpo de Serra Pelada ¹

FROM CIVIC ENGAGEMENT TO THE BRIDGE CARNAGE: Photography and its contribution to the analysis of social relations in the Serra Pelada gold mine

Marcelo Barbalho ²

Resumo: Este artigo é um desdobramento de uma pesquisa que, por meio da fotografia, tem procurado investigar o cotidiano de Serra Pelada na década de 80, onde milhares de homens trabalhavam no maior garimpo a céu aberto do mundo. Ao agrupar e analisar um conjunto de imagens produzidas por fotógrafos profissionais e amadores, aspectos sociais da vila que se formou ao redor do garimpo começam a se configurar, entre eles o que serve como motivo-condutor para este texto: a relação entre os garimpeiros e o poder público. O objetivo aqui é mostrar como essa relação, desenvolvida nos estertores da ditadura militar, começou com a implantação de normas rígidas de controle social no garimpo, teve momentos de um engajamento cívico supostamente espontâneo e culminou no assassinato de garimpeiros pela Polícia Militar do Pará, em 1987.

Palavras-Chave: Fotografia. Ditadura militar. Serra Pelada.

Abstract: This article is an offshoot of research that, through photography, has sought to investigate the daily life of Serra Pelada in the 1980s, where thousands of men worked in the largest open-air mine in the world. By grouping and analyzing a set of images produced by professional and amateur photographers, social aspects of the village that was formed around the gold mining begin to take shape, including what serves as the driving motive for this text: the relationship between the gold miners and the public power. The aim here is to show how this relationship, developed in the throes of the military dictatorship, began with the implementation of strict rules of social control in the mining, had moments of supposedly spontaneous civic engagement and culminated in the murder of miners by the Military Police of Pará, in 1987.

Keywords: Photograph. Military dictatorship. Serra Pelada.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e sociedade civil da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa); doutor em Comunicação e cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ); marcelo.barbalho@unifesspa.edu.br.

1. A fotografia como fragmento da vida social de Serra Pelada

A memória de Serra Pelada, o garimpo que surgiu no início da década de 1980 e arrastou multidões para uma região próxima a Marabá, no interior do Pará, está viva em uma série de imagens espetaculares que mostram milhares de homens sujos de lama, escavando a terra em uma cratera gigantesca ou subindo escadas improvisadas com sacos de cascalho sobre as costas. As fotografias de autores como Sebastião Salgado, além de reportagens televisivas e documentários cinematográficos, contribuíram para a construção de um relato mítico sobre Serra Pelada, um evento cujo cenário fantástico, típico do cinema hollywoodiano, remete a uma visão bíblica e à construção das pirâmides do Egito. “Nunca, desde a construção das pirâmides por milhares de escravos ou a corrida do ouro em Klondike [que levou cem mil garimpeiros ao Alaska, entre 1896 e 1899], houve uma tragédia humana tão épica”, diz Sebastião Salgado (1999, p. 11, tradução nossa).

As imagens marcantes de autores como Sebastião Salgado, publicadas em livros e expostas em museus e galerias de arte, estão impressas de modo duradouro na mente do brasileiro. Elas costumam ser notadas principalmente pelo viés do trágico, ressaltando a dor e a violência.³ Ao mesmo tempo reforçam estereótipos e dificultam a percepção do que havia ao redor do garimpo para além da “brutalidade das cenas, da multidão que atua como formiga, da vontade de sair do nada, de alçar-se acima das possibilidades correntes, de dentro do imenso buraco da escavação” (MARTINS, 2008, p. 156). No entanto, é pertinente destacar outro fenômeno relacionado à produção fotográfica em Serra Pelada: o da quase ausência de imagens do cotidiano da vila que se formou em torno do garimpo. Entre as fotos apresentadas neste artigo, duas foram feitas no povoado onde ainda hoje existem ruas cobertas de poeira e barracos de madeira da época do garimpo.

³ Vide o texto do curador Diógenes Moura (2018, p. 4) a respeito do trabalho de Juca Martins, que nos anos 1980 produziu duas reportagens fotográficas sobre Serra Pelada: “Não, não são formigas. Não. É lama. É crieza. É ouro. É tudo e nada, ao mesmo tempo. Arrastou multidões. Arrastou buracos terra adentro. Carajás. Curionópolis. Serra Pelada. O inferno das cuias. Não teve Deus que desse jeito. Parecia o Vale de Ben-Hur. A peste bubônica. Veja. Preste atenção. Cem mil pessoas. Trezentos barrancos. Não é filme. Não existe ator. É homem sobre homem. Terra sobre terra. Bosta sobre bosta. Prisão a céu aberto”.

Coletadas no Arquivo Histórico de Marabá, são fotografias aparentemente banais, dominadas por uma estética amadora, associada às fotos analógicas caseiras e com uma certa precariedade no enquadramento. Mas são imagens que mostram um cotidiano impregnado por uma forte carga política. O contexto em que foram produzidas era fruto de uma conjuntura política muito específica: o final da ditadura militar (1964-1985) e o início da redemocratização do país. Acredita-se, portanto, que elas possam contribuir significativamente para desvendar aspectos da organização sociopolítica de Serra Pelada. Assim, ao abarcar esses dois extremos – a fotografia dos profissionais e a dos amadores –, este texto trata a imagem fotográfica como ponto de partida para melhor compreender as relações sociais que marcaram um dos maiores fenômenos da história recente do país.

É claro que os processos sociais não são totalmente “fotografáveis”. Há limitações na documentação fotográfica. A ideia que pretende legitimar o uso da fotografia como documento histórico – a de que a imagem fotográfica apresenta um registro exato de um determinado momento da sociedade ao mostrar “as coisas como elas são” – pode ser contestada, mas não totalmente desacreditada. A fotografia é uma representação, ou traço, de uma ação passada. Ela oferece um registro restrito, porém concreto dos acontecimentos reais. E permite ver o que por outros meios não pode ser visto. É, portanto, uma fonte primária de informação, não simplesmente um elemento ilustrativo, usado para ratificar o conteúdo verbal ou provar visualmente o que se afirma.

Desse modo, o significado das fotografias usadas aqui não se limita ao testemunhado pelo fotógrafo, seja profissional ou amador. O que essas imagens proporcionam é a possibilidade de disparar uma busca pela compreensão de aspectos históricos e políticos de Serra Pelada. Com esse objetivo, o texto se divide em dois momentos: o primeiro demonstra a existência de um otimismo meio exagerado com a descoberta da mina de ouro, alimentado por um clima ufanista presumivelmente espontâneo, mas que se desenvolve em um ambiente controlado com mão de ferro por um agente da ditadura militar: o major Sebastião Curió. O segundo momento trata dos conflitos que se intensificam entre garimpeiros e representantes das forças de

repressão devido principalmente às constantes ameaças de fechamento de Serra Pelada. Fatos que aumentaram o nível de tensão e violência no garimpo, culminando com um episódio até hoje não totalmente esclarecido: o Massacre de São Bonifácio ou Massacre da ponte, no final de 1987.

2. Ordem e disciplina no aparentemente caótico trabalho no garimpo

A partir de relatos da imprensa, livros e artigos sobre Serra Pelada, é possível considerar que a atividade de milhares de homens no garimpo, apesar de aparentemente caótica, estava minuciosamente organizada. Isso devido a uma estrutura social rígida implantada pelo regime militar através de seu interventor, Sebastião Rodrigues de Moura, o major Curió, um ex-agente do Serviço Nacional de Informação (SNI) que comandou a repressão à Guerrilha do Araguaia (1967-1974) – o Ministério Público Federal (MPF) o denunciou por homicídio e ocultação de cadáveres durante o combate à guerrilha. Em missão especial do Conselho de Segurança Nacional, Curió chegou a Serra Pelada em maio de 1980 e montou uma estrutura organizacional que privilegiou 40 agentes do SNI que haviam sido seus companheiros no Araguaia, além de homens que atuaram como mateiros na caçada aos guerrilheiros. José de Souza Martins (2008, p. 156) afirma que no garimpo “ele cumpriria uma das últimas ações de direcionamento da massa por parte da ditadura, a primeira e última em que a ditadura teve êxito no seu sonho de amansar e enquadrar as populações rurais”.

Curió, que costumava dizer que “aqui o revólver que canta mais alto é o meu”, proibiu a entrada de armas, bebida alcoólica e mulheres em Serra Pelada – bares e prostitutas se instalaram a 30 quilômetros de distância. Ele dividiu a área de 850 hectares do garimpo em 300 pequenos lotes (“barrancos”, com área de 3 x 2 metros) e os distribuiu aos pioneiros, de acordo com a ordem de chegada ao local. Aqueles que chegaram em seguida se tornaram empregados dos “capitalistas” (donos dos barrancos). Os garimpeiros só podiam cavar a terra verticalmente para não invadir o barranco vizinho. O cascalho era colocado em sacos e transportado pelos carregadores, que subiam dezenas de metros por precárias escadas de madeira para

depositá-lo fora da cava sob vigilância do “apontador”, homem de confiança do capitalista, que controlava a quantidade de sacos retirados pelos garimpeiros. O cascalho era então levado para uma área de peneiração, também pertencente ao dono do barranco. Os garimpeiros eram obrigados a vender a sua produção de ouro à Caixa Econômica Federal, que montou um posto de serviço dentro de Serra Pelada. Mas antes a quantidade e a qualidade do minério eram avaliadas pela empresa Rio Doce Geologia e Mineração (DOCEGEO). O material era pesado e queimado e os garimpeiros só recebiam o equivalente ao ouro. O restante era enviado ao Banco Central em lotes periódicos, sem lucro para o trabalhador.

A disciplina imposta por Curió também era notável nas filas dos postos da Polícia Federal, onde trabalhadores rurais que fugiram da seca no Maranhão, Piauí e Ceará e camponeses do Sul do Pará e Norte de Goiás (atual Tocantins) esperavam pacientemente para obter permissão para entrar no garimpo; da Caixa Econômica, que pagava à vista pelo ouro, mas abaixo do preço do mercado; e da extinta Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), que procurava melhorar as condições de saúde em Serra Pelada com campanhas de vacinação contra doenças como febre amarela e malária. A força impositiva do interventor parecia ainda atuar sobre os valores ideológicos dos garimpeiros. Uma atmosfera ufanista era visível no garimpo, principalmente no período de maior produção de ouro. Em 1983, Serra Pelada chegou a produzir quase 14 toneladas de ouro.

Nessa época era comum acontecerem no local solenidades típicas de organizações militares, como as comemorações do Dia da Independência do Brasil e da Proclamação da República. Uma fotografia de Antônio Venâncio (FIG. 1), produzida em 15 de Novembro de 1983, mostra dois garimpeiros que posam para a câmera, exibindo pequenas bandeiras do Brasil, feitas de papel e presas em um filete de madeira. Eles parecem estar em uma larga rua de terra batida e separados do resto da multidão que, impedida de se aproximar, observa o fotógrafo registrar a dupla. É possível que ambos fizessem parte de um desfile cívico para celebrar a Proclamação da República. E que seus corpos e roupas, que simulavam vestígios do trabalho no garimpo, tivessem sido preparados para a ocasião, representando o

orgulho e esperança de um país que apostava no futuro, agora com a riqueza que brotava do solo da Amazônia.



FIG. 1 – Garimpeiros comemoram a Proclamação da República (15/11/1983)
FONTE – ARQUIVO HISTÓRICO DE MARABÁ/ ANTÔNIO VENÂNCIO



FIG. 2 – Curió (camisa amarela) em cerimônia de hasteamento da bandeira (30/07/1980)
FONTE – ARQUIVO HISTÓRICO DE MARABÁ/ ARMANDO CORDEIRO

Diariamente, às 8h, os trabalhadores também se perfilavam para participar da cerimônia de hasteamento da bandeira, incluindo a execução do Hino Nacional (FIG. 2). O intuito era desenvolver entre os garimpeiros sentimentos nacionalistas e o culto aos símbolos do país. Reconhecido por sua capacidade de liderança, Curió rapidamente tornou-se um elo entre os garimpeiros e o governo. Em 1982, foi eleito deputado federal pelo PDS (o partido da ditadura que substituiu a Arena), desbancando tradicionais representantes das oligarquias de Marabá – em 2000 assumiria a prefeitura da cidade que leva seu nome: Curionópolis. Na cooperativa dos garimpeiros, havia uma placa de bronze com a inscrição: “Ao grande líder deputado Sebastião Curió Rodrigues de Moura, nosso profundo respeito e agradecimento. Dos seus irmãos e amigos garimpeiros” (VEJA, 1985, p. 93).

O modelo de gestão adotado por Curió já havia sido comprovado *in loco* pelo general João Baptista Figueiredo, último presidente da ditadura militar. Figueiredo visitou Serra Pelada pela primeira vez em 12 de novembro de 1980, quando os trabalhadores temiam perder a concessão da exploração do garimpo para a

companhia estatal Vale do Rio Doce, proprietária da área onde estava localizado o garimpo. Paulo Roberto Ferreira (2019, p. 77) conta que tudo foi “milimetricamente preparado” para que o presidente tivesse a maior recepção popular de seu governo. A visita, com bandeirinhas do Brasil, presentes, palanque e discursos, comemorava a comunhão entre o governo federal e os garimpeiros. Mais de 20 mil homens recepcionaram Figueiredo com uma salva de fogos de artifício que durou mais de cinco minutos. A foto onde o presidente aparece sendo carregado nos ombros pelos garimpeiros é emblemática do prestígio que ele tinha em Serra Pelada (FIG. 3).



FIG. 3 – Figueiredo, saudado pelos garimpeiros: elogio à disciplina instaurada por Curió (12/11/1980)
FONTE – REVISTA VEJA/ ORLANDO BRITO

De acordo com Paulo Roberto Ferreira (2019, p. 77), Figueiredo retribuiu a calorosa recepção elogiando a ordem e a disciplina dos garimpeiros: “De todas as manifestações que recebi em um ano e oito meses de governo, esta de Serra Pelada foi a que mais me tocou o coração. É uma disciplina que eu quisera ter em todos os quartéis por onde passei no Exército”. Com o Brasil mergulhado em uma grave crise

financeira, com enorme dívida externa, o presidente também ressaltou o potencial econômico da mina ao calcular que a produção de ouro em Serra Pelada deveria atingir 40 mil toneladas por ano – o garimpo, visto como uma possível solução para os problemas econômicos do país, produziu oficialmente 42 toneladas de ouro durante seus doze anos de atividade.⁴

O evento patriótico também serviu para demonstrar o potencial político de Serra Pelada, fato determinante para que os militares não passassem de imediato o controle do garimpo para a Vale do Rio Doce. A estratégia do governo foi tirar proveito eleitoral daquela montanha de gente para votar no partido que sustentava a ditadura. Em abril de 1981, adotou-se novo critério para ingressar na mina: o título de eleitor. No ano seguinte, já próximo das eleições de 15 de novembro, quando governadores de estado seriam eleitos pelo voto direto pela primeira vez desde 1960, Figueiredo voltou a Serra Pelada. Caminhou pela vila sorrindo e abraçado a Curió. A relação entre eles, porém, acabaria estremecida pouco tempo depois. Em 1984, o presidente vetou a renovação da licença para o garimpo manual em Serra Pelada, baseado em dados do próprio governo, que recomendavam o fechamento da cava. Os interesses da Vale do Rio Doce se chocavam com os compromissos que Curió, eleito deputado federal, havia assumido com os trabalhadores. A empresa cobrava dos militares a retirada dos garimpeiros.

Sem apoio de Figueiredo, Curió apresentou projeto de lei na Câmara dos Deputados para tornar a área reserva garimpeira. O projeto foi aprovado pelo Congresso Nacional, mas o presidente anunciou que iria vetá-lo. Os garimpeiros se revoltaram: fecharam trechos da rodovia Belém-Brasília, destruíram prédios públicos

⁴ No entanto, calcula-se que outras 60 toneladas saíram ilegalmente de Serra Pelada – contrabandistas pagavam valores mais altos que a Rio Doce Geologia e Mineração (DOCEGEO). Mauro Leonel (2020, p. 191) considera que o Brasil viveu, nas últimas décadas, um segundo ciclo do ouro, após um longo período colonial marcado pela exploração desse recurso não renovável. Na Amazônia, segundo o autor, havia mais de três mil pontos de garimpagem. Embora os dados sejam imprecisos, calcula-se que havia 750 garimpos na região, 70% geridos diretamente pelo chamado “dono” e 30% para empregados no comando de grupos de pelo menos cinco garimpeiros. Ainda de acordo com Leonel (2020, p. 191), uma estimativa feita pelo Banco Mundial, em 1990, demonstrou que mais de 1.500 toneladas de ouro foram produzidas na Amazônia entre 1980 e 1988, gerando US\$ 13 bilhões. Muito pouco desse dinheiro ficou no Brasil em ouro ou impostos. Atualmente a garimpagem na região voltou a ser destaque no noticiário nacional. Milhares de garimpeiros, invasores de terras indígenas, que trabalham de maneira ilegal, vêm sendo combatidos pelo governo federal.

e ameaçaram subir a Serra de Carajás para depredar instalações da Vale do Rio Doce. Sob pressão, o presidente sancionou a lei que assegurava aos garimpeiros a continuidade do trabalho. Curió continuou a gozar de prestígio entre os trabalhadores e Figueiredo teve que engolir a seco o ex-agente do SNI, que se voltou contra o antigo chefe. “A aprovação do projeto de lei de Curió ficou entalada na garganta do general-presidente” (FERREIRA, 2019, p. 99).

3. A força bruta da repressão policial

A vitória no Congresso apenas adiou temporariamente novas disputas entre os garimpeiros e a Vale do Rio Doce. O descontentamento dos trabalhadores de Serra Pelada aumentava a cada nova ameaça do governo de fechar o garimpo. Além disso, a produção de ouro havia diminuído drasticamente. Das quase 14 toneladas de ouro extraídas em 1983, a produção no triênio seguinte caiu para cerca de 2,5 toneladas por ano. Com isso, os garimpeiros passaram a ser confrontados diariamente com a evidência de que a riqueza não estava ao alcance de todos aqueles que haviam sido tomados pela febre do ouro. Casos de roubos, brigas e mortes se tornaram mais frequentes.

Para coibir e punir as infrações cometidas pelos garimpeiros, Sebastião Curió criou um tribunal próprio para Serra Pelada, conhecido entre os garimpeiros como Tribunal Salomão. Uma reportagem da revista “Veja”, publicada em agosto de 1985, descreve como os julgamentos eram realizados no garimpo. O tribunal era composto por apenas dois juízes: o geólogo Herbert Georges de Almeida, coordenador do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), e José Bonifácio da Silva, presidente da Cooperativa dos Garimpeiros de Serra Pelada, ex-cabo telegrafista do Exército, ex-agente do Serviço Nacional de Informação (SNI) e homem de confiança de Curió. O tribunal tinha poder para julgar desde “desaforos pessoais” e disputas de barrancos dentro do garimpo até “ladrões de cascalho”, garimpeiros que à noite invadiam pontos onde costumavam aparecer pepitas de ouro – casos envolvendo delitos mais graves, como homicídio e latrocínio, eram encaminhados à polícia e à justiça comum. A reportagem de “Veja” registrou um desses casos, inclusive com a

publicação de uma fotografia (FIG. 4) que mostra um grupo que havia sido preso na noite anterior.

Ao serem pilhados, os ladrões já sabem o que os espera. Ao amanhecer, têm seus cabelos parcialmente raspados – alguns só de um lado da cabeça, outros apenas numa faixa que vai do centro da testa à nuca. Estigmatizados, são amarrados uns aos outros com cordas de náilon atadas aos pulsos e submetidos à execração pública perante a multidão de garimpeiros que se reúne às 8 horas da manhã para a cerimônia de hasteamento da bandeira. [...]. Depois de apresentados à multidão, os ladrões foram expulsos do garimpo, levados pela polícia até o quilômetro 16 da rodovia Transamazônica e ali abandonados (VEJA, 1985, p. 91).

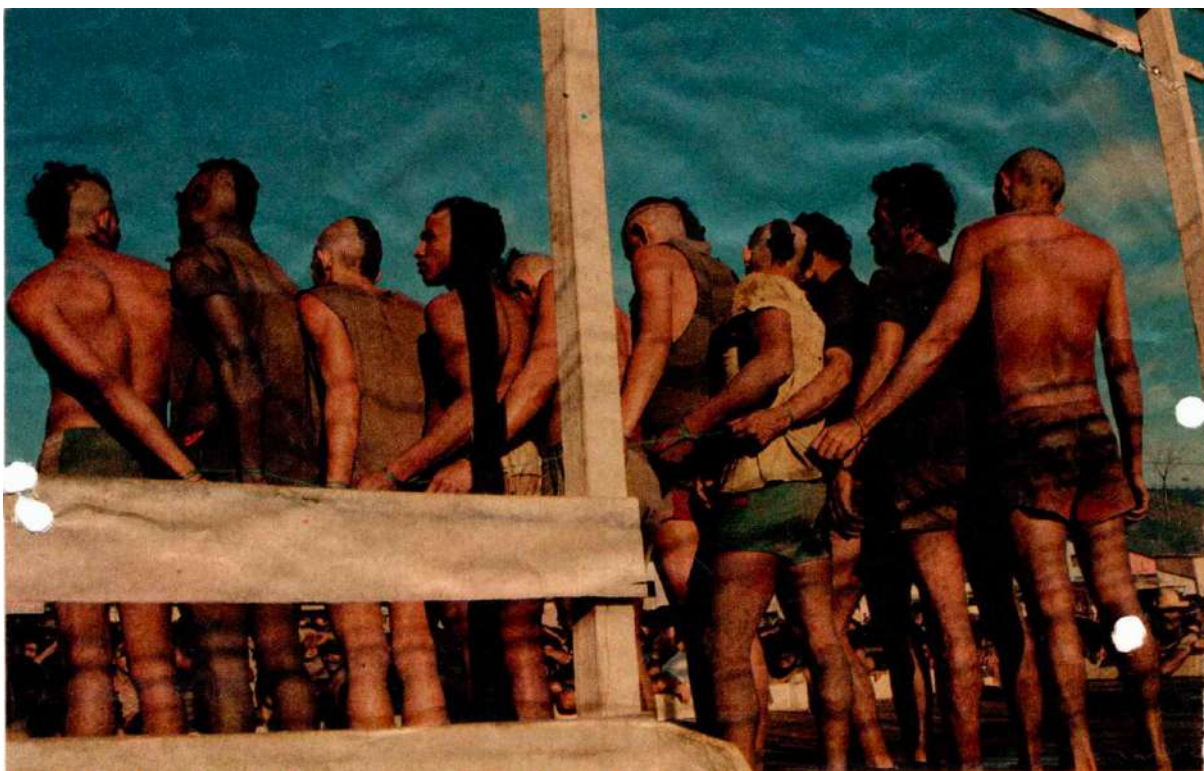


FIG. 4 – ‘Ladrões de cascalho’ exibidos aos garimpeiros de Serra Pelada
FONTE – REVISTA VEJA/ GERALDO RAMOS, 1985, p. 90

Sebastião Salgado (1996, p. 19), que documentou Serra Pelada em 1986, quando a montanha havia sido transformada em buraco, quase todo o ouro retirado e 50 mil garimpeiros lutavam para manter seca a cava com duzentos metros de profundidade,⁵ conta que constantemente também aconteciam conflitos entre os

⁵ Sebastião Salgado só obteve permissão da Polícia Federal, que controlava o acesso à mina, para fotografar Serra Pelada após a saída dos militares do poder, em 1985. O fotógrafo, que na segunda metade dos anos 1960 havia

garimpeiros e os guardas da polícia, que recebiam um salário menor que os dos carregadores de cascalho. “Os guardas fardados têm orgulho de seu status e não querem ser considerados inferiores aos mineiros por causa de seus salários. Às vezes há brigas e mortes: um guarda que tinha disparado contra um trabalhador foi apedrejado até a morte por carregadores durante um desses confrontos”.

Uma foto em particular revela muito do conflito e da tensão que estavam contidos na epopeia vivida pelos homens chafurdados na lama, cavando em busca de ouro: a do garimpeiro que olha fixamente para um policial militar enquanto segura com firmeza a espingarda do soldado (FIG. 5). Trata-se de uma das imagens mais reproduzidas da obra de Sebastião Salgado.⁶ A fotografia mostra o trabalhador postado firmemente no chão, com os pés plantados resolutamente sobre a terra. O torso rígido, seus braços fortes e suas pernas talhadas nas incontáveis subidas e descidas em escadas improvisadas, com sacos de cascalho nas costas, revelam força e energia. Seu olhar, voltado fixamente para o policial, é pura concentração. Com o corpo musculoso coberto apenas com um short curto e uma camiseta rasgada, ele parece determinado a não ceder um milímetro. Apesar de diminuído diante da presença inabalável do trabalhador, o guarda fardado exprime poder ao encarar o garimpeiro como se tomado pela crença de que é capaz de controlar o mundo à sua volta. A maioria dos espectadores (todos garimpeiros) que acompanha a cena tem seus olhares voltados para os antagonistas. Seus gestos e expressões são facilmente legíveis. Alguns olham com atenção, outros com apreensão e outros com espanto, enquanto uma parcela sai de perto do conflito.

atuado como militante da Ação Popular (AP), uma das organizações de esquerda que combateram o governo militar, antes de se mudar para a Europa, foi monitorado durante a ditadura pelo Departamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi).

⁶ A fotografia foi publicada em três livros de Sebastião Salgado: *Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial* (1996); *Serra Pelada* (1999), que integra a prestigiada coleção Photo Poche, criada pelo editor francês Robert Delpire; e *Gold: Mina de Ouro Serra Pelada* (2019).



FIG. 5 – Garimpeiro desafia policial em Serra Pelada (1986)
FONTE – SALGADO, 2019, p. 86-87

A determinação do garimpeiro que enfrenta o policial é, portanto, um ato concreto de transgressão da ordem, um questionamento da legitimidade do poder dos militares. Uma atitude desafiadora perante a lei, em uma sociedade que acabara de passar por 21 anos de ditadura militar. O ato do garimpeiro diante do agente da repressão é uma forma de ação política executada por alguém cansado de se submeter a condições precárias de existência. De quem clama por justiça, de quem pede o reconhecimento de direitos e de quem sempre ficou à margem das decisões econômicas e políticas do país. Sua reação visceral traz à tona a consciência e a convicção de um sujeito que chegou ao seu limite. Ao articular sentimentos de luta contra a opressão e a injustiça, a fotografia de Sebastião Salgado pode ser vista como um símbolo de resistência contra o poder policial e como uma reação às forças que se opõem ao trabalhador. Ao mesmo tempo o clima tenso notado na imagem era um indício do que estava por vir: o massacre de São Bonifácio, ocorrido na ponte mista sobre o rio Tocantins, em Marabá, em 29 de dezembro de 1987.

Em 1987, a produção de Serra Pelada havia caído ainda mais – 2,2 toneladas naquele ano – e os garimpeiros continuavam a sentir que o garimpo estava ameaçado de fechamento. Teve início então uma mobilização contra as precárias condições de trabalho e também para que o governo autorizasse a permanência dos garimpeiros no local. Naquele momento específico, um levante se desenhava no horizonte – diferente do ano anterior, quando a “coragem admirável” do garimpeiro da fotografia de Sebastião Salgado (FIG. 5) não havia sido suficiente para fazer a indignação se propagar. É possível considerar que os garimpeiros reuniam, no final de 1987, os sentimentos necessários para a formação de um levante. Segundo Judith Butler (2017, p. 24), um levante, de maneira geral, emerge “da indignação, da recusa, da raiva, de uma condição em que se vê a dignidade, vinculada aos limites morais do que deve ser suportado, negada ou aniquilada”.

Um levante acontece quando pessoas começam a se agrupar, a se deslocar, a se manifestar em público e agir para dismantelar o regime ou o poder ao qual se sujeitam. Esses agrupamentos, deslocamentos, manifestações públicas e ações se baseiam na indignação e na recusa, na convicção de que a sujeição não só foi longe demais, mas que, além de tudo, é injusta. O levante é uma forma real e coletiva dessa convicção, numa situação em que não há sujeito coletivo único. É uma convicção partilhada que circula entre pessoas: ela é heterogênea, mas alinhada; é encarnada de forma diferente, mas é comum (BUTLER, 2017, p. 29).

Cerca de 300 garimpeiros seguiram para Marabá (distante 160 quilômetros de Serra Pelada) e interditaram a ponte rodoferroviária sobre o rio Tocantins, por onde passa o trem que transporta o minério produzido na região de Carajás para o porto de São Luís, no Maranhão. A repressão policial foi violenta. Três garimpeiros foram mortos, segundo dados da própria Polícia Militar do Pará. Mas, de acordo com os garimpeiros, os corpos de mais 60 pessoas nunca foram encontrados. As vítimas teriam sido jogadas da ponte, de uma altura de 70 metros, para dentro do Tocantins. Em março de 1988, a Secretaria Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT) divulgou dossiê com “uma ampla soma de notícias, comentários e depoimentos” sobre o “trágico acontecimento”. E alertava: “Este massacre [...] caso não seja investigado, fará da Serra Pelada o maior ‘buraco negro’ da Nova República e da Nova Constituição” (CPT, 1988, p. 24). Em seu livro sobre o assunto, Paulo Roberto Ferreira

(2019) afirma que o crime nunca foi investigado e, quase quatro décadas depois, ninguém foi punido. Hoje, a única marca visível do massacre de São Bonifácio é o cruzeiro carregado em procissão (FIG. 6) e fixado próximo da ponte em abril de 1988.



FIG. 6 – Garimpeiros carregam cruz de madeira em memória aos mortos pela polícia (1988)
FONTE – ARQUIVO DA COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT) DE MARABÁ

4. Conclusão

Serra Pelada, enquanto um eldorado no meio da floresta amazônica, não existe mais – o garimpo foi desativado pelo ex-presidente Fernando Collor de Melo em 1992. A aventura épica que reuniu milhares de pessoas que sonhavam não apenas abandonar uma vida miserável, mas enriquecer da noite para o dia, deixou um traço trágico na história do país – outro desdobramento de Serra Pelada é o massacre de Eldorado dos Carajás, em que dezenove trabalhadores rurais sem-terra foram assassinados pela Polícia Militar do Pará, em 1996. Mas a luta por condições dignas de trabalho e moradia em uma região marcada, desde o período da colonização

portuguesa dos povos originários até o neocolonialismo dos dias atuais, por uma série de conflitos, insurreições e disputas pelo poder ainda não chegou ao fim.

Este artigo não teve a pretensão de apreender totalmente a vida social e política de Serra Pelada, mas coletar fragmentos de uma Serra Pelada menos conhecida do público. Isso porque aspectos da vida cotidiana dos garimpeiros que viveram em Serra Pelada na época em que o garimpo esteve em atividade são de importância histórica. Apresentá-los pode, em alguma medida, contribuir para afirmar o valor da memória social do Sudeste do Pará, uma região que existe no imaginário do brasileiro como uma terra violenta e sem lei.

Referências

- BUTLER, Judith. Levante. In: GEORGES, Didi-Huberman. **Levantes**. São Paulo: Edições Sesc, 2017.
- COMISSÃO Pastoral da Terra (CPT). **Às comunidades cristãs de Marabá**. Brasília, 18 de março de 1988.
- FERREIRA, Paulo Roberto. **Encurralados na ponte: o massacre dos garimpeiros de Serra Pelada**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2019.
- MARTINS, José de Souza. A epifania dos pobres da terra. In: MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **8 X fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MOURA, Diógenes. **Caderno de conflitos** (catálogo da exposição Terra em transe). Fortaleza: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, 2018.
- SALGADO, Sebastião. **Gold: Serra Pelada**. São Paulo: Editora Taschen, 2019.
- SALGADO, Sebastião. La Serra Pelada: les blancs pauvres sous la peau de l'indien. In: **Serra Pelada**. Paris: Éditions Nathan, 1999.
- SALGADO, Sebastião. **Trabalhadores: uma arqueologia da era industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- VEJA. **A lei do garimpo**. São Paulo: Editora Abril. 07 de agosto de 1985, pp. 90-93.